

O OLHAR DE MISTER WONG

Dalberto TEIXEIRA
Professor dos Cursos de Letras e Pedagogia da FUNEC

RESUMO

Este texto analisa a tendência para o humor na poesia de Mário Quintana, com a finalidade de mostrar uma faceta do poeta pouco estudada, pois a maioria dos estudos se limita a temas como o tempo, a infância, a morte. O humor e a ironia tem várias funções num texto, como, por exemplo, virar a realidade do avesso, subverter o senso comum, lançar um olhar aparentemente ingênuo para os seres e as coisas, mostrar o lado contraditório da existência e da pessoa humana e dar um sentido inesperado e diferente para o que já está previamente estabelecido. Além disso, o humor contrapõe-se ao lirismo, provocando um equilíbrio entre razão e emoção. No caso de Mário Quintana, pretende-se verificar a visão de mundo que esse humor desencadeia, como, por exemplo, a sátira em relação às convenções e formalidades que mascaram a vida em sociedade e sufocam a individualidade da pessoa humana, impedindo o livre acesso ao exercício do sonho, do devaneio, da imaginação. Para isso, esse estudo será de natureza temática e estilística, procurando mostrar, por meio da análise de textos, algumas faces do humor em Mário Quintana que, em seu conjunto, contribuem para dar uma leveza ao peso da existência e atenuar o lado sério e grave da vida.

Palavras-chave: Poesia. Lirismo. Humor. Ironia.

INTRODUÇÃO

O humor é uma das principais características da poesia de Mário Quintana. Além de contribuir para uma visão mais descontraída da vida, principalmente em relação a temas sérios e elevados como o tempo e a morte, o humor vira o avesso da realidade, desmascarando as aparências e abrindo caminho para o sonho e a imaginação.

O HUMOR BRINCALHÃO

Uma forma de humor frequentemente empregada por Mário Quintana é um humor brincalhão, proveniente da observação do que há de inusitado e engraçado no comportamento e na natureza humana, e que se exprime por meio de caricaturas, trocadilhos, máximas etc.

A comicidade costuma estar associada ao desnudamento de defeitos, manifestos ou secretos, daquele ou daquilo que suscita o riso (PROP, 1992, p. 171).

Em “O estranho caso de Mister Wong”, o poeta convida o leitor a cultivar esse tipo de humor, semelhante à do personagem Mister Wong, cuja postura exemplifica uma atitude de desligamento em relação ao lado sério e grave da vida:

Além do controlado Dr. Jekyll e do desrecalcado Mister Hyde há também um chinês dentro de nós: Mister Wong. Nem bom, nem mau: gratuito. Entremos, por exemplo, neste teatro. Tomemos este camarote. Pois bem, enquanto o Dr. Jekyll, muito compenetrado, é todo ouvidos, e Mister Hyde arrisca um olho e a alma no decote da senhora vizinha, o nosso Mister Wong, descansadamente, põe-se a contar carecas na plateia .

Outros exemplos? Procure-os o senhor em si mesmo, agora mesmo. Não perca tempo. Cultive o seu Mister_Wong (QUINTANA, 1994, p. 62).

O texto reúne três personagens: Dr. Jekyll, Mister Hyde e Mister Wong, os quais representam três papéis diferentes: o do controlado, o do desrecalcado e o do distraído. Essas diferentes representações, semelhantes a uma atuação no palco, como o texto coloca de forma alegórica, remetem ao comportamento do indivíduo na vida em sociedade, marcado, de um lado, pela máscara, pelo convencionalismo, pela simulação, ou pela atitude “ desligada” de Mister Wong.

Ao convidar o leitor a encarnar a figura de Mister Wong, o poeta, na realidade, apela para que o indivíduo assuma o outro lado de sua personalidade, marcado por uma atitude de dessacralização e humor diante do lado sério e grave da vida. Trata-se, no fundo, de uma recusa à perda da individualidade, numa atitude de quem leva a vida “descansadamente”, buscando nela não o que há de elevado, mas o que há de gratuito, de inesperado e, por isso mesmo, mais revelador.

Em outro texto, essa valorização da individualidade deriva de uma resistência à massificação imposta ao indivíduo pela sociedade moderna Trata-se de “5005618912”, em que o poeta ironiza a transformação do indivíduo num simples número, fato que o leva a refletir sobre a forma analítica de expressão do mundo civilizado, em oposição à forma analógica do mundo primitivo:

Esse número, de quintilhões ou quatrilhões, não me lembro mais, me faz recordar que venho desde o princípio do mundo, lá do fundo das cavernas, depois de pintar nas suas paredes, com uma habilidade hoje perdida, aqueles animais que vejo nos álbuns, milagre de movimento e síntese. Agora sou analítico, expresse-me em símbolos abstratos e preciso da colaboração do leitor para que ele “veja” as minhas imagens escritas (QUINTANA, 1983, p.9).

A valorização de objetos aparentemente inúteis e insignificantes também está associada a um sentimento de perda da individualidade. É o que ocorre, por exemplo, em “Objetos Perdidos”, em que o poeta recorda, com uma mescla de humor e melancolia, os objetos que perderam a sua utilidade e se transformaram em souvenir.

O simples inventário de objetos, isolados de seu contexto original, confere a cada um uma dignidade especial, uma aura sublimatória que até então não possuíam. O final do texto exprime, com um toque de humor, o sentimento de perda, em que cada objeto representa uma parte do ser:

Os guarda-chuvas perdidos... aonde vão para os guarda-chuvas perdidos? E os botões que se desprenderam? E as pastas de papéis, os estojos de pence-nez, as maletas esquecidas nas gares, as dentaduras postiças, os pacotes de compras, os lenços com pequenas economias, aonde vão parar todos esse objetos heteróclitos e tristes? Não sabes? Vão parar nos anéis de Saturno, são eles que formam, eternamente girando, os estranhos anéis desse planeta misterioso e amigo (QUINTANA, 1994, p. 63).

Algo semelhante ocorre em “Gare”, em que a enumeração de objetos antigos e imprestáveis, numa estação ferroviária, figuratiza a sala de espera da existência, cheia de objetos inúteis e insignificantes.

Há algo de bizarro na descrição de objetos, pela colocação, lado a lado, de peças íntimas ou profanas com peças nobres e sagradas.

A última frase do texto resume, com um misto de lirismo e ironia, o sentimento de desencanto que invade o eu lírico:

Faz tanto tempo que se está esperando – o trem que não vem, o trem de Belém – que as bagagens alheias, amontoadas no banco, cheiram-me a poeira de séculos: a cabeleira de Absalão, uma peça íntima de Cleópatra, um báculo de bispo, uma tabaqueira de Luís XV, um olho de vidro, uma fivela, uma bolsa de água quente, com um lenço com um nó, um... Pestanejo. Sinto-me tão infeliz... Para que me fui meter nesse triste inventário, meu Deus?E, a cada suspiro que dou, o meu anjo da guarda perde mais uma peninha da asa. (QUINTANA, 1994, p. 72).

Em “Pausa”, o poeta recorre a duas figuras da tradição literária, Dom Quixote e Sancho Pança, para discorrer, com uma dose de humor, sobre a oposição entre a realidade e a fantasia:

Quando pouse os óculos sobre a mesa para uma pausa na leitura de coisas feitas, ou na feitura de minhas próprias coisas, surpreendo-me a indagar com que se parecem os óculos sobre a mesa.

Com algum inseto de grandes olhos e negras e longas pernas ou antenas?

Com algum ciclista tombado?

Não, nada disso me contenta ainda. Com que se parecem mesmo?

E sinto que, enquanto eu não puder captar a sua implícita imagem-poema, a inquietação perdurará.

E, enquanto o meu Sancho Pança, cheio de si e de senso comum, declara ao meu Dom Quixote que uns óculos sobre a mesa, além de se parecerem apenas uns óculos sobre a mesa, são, de fato, um par de óculos sobre a mesa, fico a pensar qual dos dois-, Dom Quixote ou Sancho? – vive uma vida mais intensa e portanto, mais verdadeira...

E paira no ar o eterno mistério dessa necessidade da recriação das coisas em imagens, para terem mais vida, e da vida em poesia, para ser mais vivida (QUINTANA, 1983, p. 59)

Nesse texto, Dom Quixote e Sancho Pança, personagens que, no universo da ficção, transformaram-se em arquétipos da oposição entre a fantasia e a realidade, simbolizam duas forças que atuam no interior do poeta: de um lado, o apego à realidade, pelas pressões sociais, pelas necessidades práticas, pelas convenções; de outro lado, o abandono ao sonho, à imaginação, ao devaneio, que encontra um campo fértil no espaço da criação artística. A ideia de “pausa” (“Quando pouse os óculos...”) remete a esse momento especial do ser, que é o momento em que se desliga da realidade prática, das obrigações cotidianas, para abandonar-se ao puro devaneio. É o momento em que o ser, livre dos condicionamentos, passa a ver as coisas de outra maneira, deslocadas de sua utilidade prática e transformadas em objetos de pura contemplação estética. É nesse momento que as coisas se transformam em imagens e um simples “par de óculos” sobre a mesa se metamorfoseia, na retina sensível do poeta, nos mais diferentes seres, figuras e formas.

O RISO SURREAL

Essa valorização do gratuito, do devaneio também está presente em “O Espião”, poema que explora de uma maneira cômica e surreal o tema do duplo na literatura:

Bem o conheço. Num espelho de bar, numa vitrina, ao acaso do footing, em qualquer vidraça por aí, trocamos às vezes um súbito e inquietante olhar. Não, isto não pode continuar assim. Que tens tu de espionar-me? Que me censuras, fantasma? Que tens a ver com os meus bares, com os meus cigarros, com os meus delírios ambulatórios, com tudo o que não faço na vida? (QUINTANA, 1994, p. 73).

O duplo é um desdobramento do eu lírico, um outro lado de sua personalidade. No poema acima, o duplo representa o lado consciente e vigilante do ser, que frequentemente vem à tona, como um incômodo e inquietante espião. Trata-se de uma presença que intimida e perturba, gerando forte resistência do eu lírico, que tenta expulsar esse “fantasma” por meio de uma interrogação apelativa. Essa aparição do outro se manifesta em qualquer hora e lugar, como uma espécie de auto-censura, de bloqueio em relação a uma postura descompromissada diante da vida. Dessa forma, o poema descreve, alegoricamente, uma luta entre os dois lados de uma personalidade, ou seja, um lado que valoriza o inútil, o devaneio e outro que tenta se impor, e que representa o lado pragmático do ser humano.

Esse olhar descompromisso e irônico do poeta ainda está presente numa enorme variedade de textos curtos, como monósticos, dísticos, haicais, em que o aspecto predominante é a sugestão visual de seres, coisas, cenas por meio de recursos que lembram o desenho, a pintura, a fotografia. Um desses poemas é “Matinal”:

O tigre da manhã espreita pelas venezianas.
O vento fareja tudo
No cais, os guindastes – domesticados dinossauros-
Erguem a carga do dia (QUINTANA, 80, 1994, p. 161).

Neste poema, para exprimir uma maneira de ver e sentir a realidade cotidiana, o poeta recorre a elementos que conferem ao texto uma carga levemente surrealista. Essa atmosfera onírica está presente no processo de animação, que transforma os seres inanimados em seres vivos, como ocorre com a metáfora “tigre da manhã”, construída para sugerir a força do sol e a luz da manhã fragmentada pelas venezianas, a figura do “vento” que “fareja tudo”, a figura dos “guindastes”, comparados a “domesticados dinossauros”. Assim, ao voltar sua atenção para as coisas mais cotidianas, o poeta vai transfigurando-as por meio de um olhar que é uma mescla de lirismo e humor.

Em “Paisagem de Após-chuva”, o poeta também consegue um efeito visual e cômico ao comparar a paisagem purificada pela chuva com a criação do Paraíso:

A relva, os cavalos, as reses, as folhas, tudo envernizadinho como no dia inolvidável da inauguração do Paraíso (QUINTANA, 1994, p.66).

Nesse poema-imagem, o emprego de termos como “envernizadinho”, “dia inolvidável”, “inauguração” destoam da seriedade do tema religioso, principalmente o uso do diminutivo, que traz um clima de intimidade impróprio para a imagem bíblica do Paraíso. Da mesma forma, a expressão “dia inolvidável do Paraíso”, levando a

imaginação humana a pensar a criação divina como um cortar de fitas e discursos, converte-a num correlato ao mesmo tempo e cômico da natureza purificada.

CONCLUSÃO

É assim que o lirismo de Mário Quintana, impregnado pelo humor, funciona como uma resistência às convenções e formalidades que regem a existência humana e impedem a abertura para o sonho, a imaginação, o devaneio, recursos que o poeta utiliza para elevar o que é aparentemente inútil e insignificante à categoria do poético.

Mário Quintana conhecia bem esse jogo. Nele, a atitude humorística tem como função diminuir a importância dos assuntos, até mesmo a criação artística, a vida e a infância tão cara, transformando-os, por meio de um processo lúdico, em objetos de poesia. Desse modo, o poeta conquista definitivamente o leitor, porque reveste de simplicidade o profundo, dando-lhe uma significação inesperada, o que resulta da formação das imagens poéticas (CABRAL, 1998, p. 57).

REFERÊNCIAS

CABRAL, Ana Beatriz. **As faces do tempo**: o regime diurno da imagem na poética de Mário Quintana. 1998. 140 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Brasília, Brasília, 1998.

PROP, Vladimir. **Comicidade e riso**. São Paulo: Ática, 1992.

QUINTANA, Mário. **A vaca e o hipogrifo**. 4.ed. Porto Alegre: L7PM, 1983.

_____. **80 - anos de poesia**. 3.ed. São Paulo: Globo, 1994.

_____. **Poesias**. 9.ed. São Paulo: Globo, 1994.

FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA DE SANTA FÉ DO SUL

O OLHAR DE MISTER WONG

DALBERTO TEIXEIRA (Professor dos Cursos de
Letras e Pedagogia)

RESUMO

Este texto analisa a tendência para o humor na poesia de Mário Quintana, por meio do qual o poeta satiriza as convenções e formalidades que mascaram a vida em sociedade e impedem o acesso ao livre exercício do sonho, do devaneio, da imaginação.